



## HISTORIA E AVENTURAS D'UM PORCO DA EDADE MEDIA

Não dariamos á publicidade a historia do atocinhado Chiqueirino, se Chiqueirino tivesse sido um porco vulgar, um porco como ha muitos no nosso Alemtejo.

Porque, em tal caso, pouco importava que Chiqueirino tivesse sido engordado e comido por pessoas que usavam calções de velludo, corpetes de setim e gargantilhas de finas rendas, ou por sujeitos que vestem calças de zuarte e jalecas de briche.

Mas a verdade é que Chiqueirino não só apreciava todas as commodidades, como qualquer porco passado, presente ou futuro, senão que tambem nutria as mais vivas aspirações de independencia, e uma coragem, uma valentia sem eguaes, qualidades estas realmente bem escusadas nos individuos da sua raça. Senão, digam-me: para que serve um leitão independente, um porco audacioso?...

Entretanto, como Chiqueirino sahi do caminho usual seguido pelos outros porcos, trasladaremos para aqui as suas curiosas aventuras, que não faltaram na sua vida agitada, e que foram escriptas e annotadas por um fino observador d'aquelle tempo, o qual observador possuia o condão — prenda desconhecida em nossos dias — de comprehender a melodiosa linguagem de Chiqueirino e dos seus similhantes.

.....  
Chiqueirino achava a vida uma coisa excelente. Estava gordo como um pote, não fazia nada, não tinha a minima obrigação, nem var-

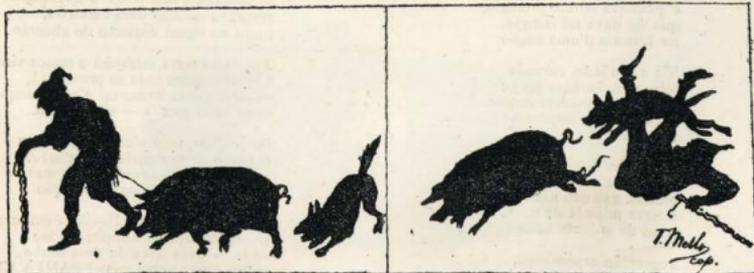
rer o pateo, que elle sujava, nem puxar á nora ou ao carro, nem levar os fructos ao mercado, n'uma palavra, passava uma vidinha de perfeito mandrião. Toda a gente da herdade o estimava, chegando a metter-lhe a comida na bocca, para que engordasse bastante. Até o corvo o tratava com a maior familiaridade, pondo-se-lhe debaixo do focinho, para aproveitar os sobejos do seu farto alimento. Sentia-se vaidoso o aparapicado Chiqueirino.

Mas eis que tem de partir para a cidade. O ingrato mostra-se insensível á torrente de lagrimas que se desprendem dos olhos de todos, até do amigo corvo, que não pode conformar-se com a cruel separação!

Chiqueirino pensa lá comsigo que, tendo a vida começado tão bem para elle, deve continuar do mesmo modo, senão melhorada, e que, se o pagam a preço de ouro, é porque lhe encontram altos merecimentos, é porque o julgam um porco precioso; portanto, deve esperar-o um risinho futuro, cheio de encantos.

Entretanto, o cordel que lhe prenderam ao pé incommoda-o alguma coisa, contraria-o. Com o cordel é que elle não contava. Alem d'isso, importunado por um rafeiro que lhe ladra ás pernas, Chiqueirino manifesta pela primeira vez gestos indisciplinados, e dando um salto violento para a frente, quebra o fragil cordel, obrigando o seu conductor a dar um inesperado trambullão.

(Continua).



## O SONHO DE CABRAL

..... Rija celeuma aos ares sobre  
E fere os ventos, que nas ondas folgam.  
— Terra, terra! — brada o gageiro alerta  
— Terra! — c'hoia a confusa vozeria  
Da maritima turba.

GABBETT. — *Camões.*

Dormente e pelas ondas embaçado,  
de novas terras em paiz remoto,  
sobre um colchão indiano reclinado,  
á pôpa d'um navio, em mar ignoto,

via-se um homem... de guerreiro aspecto...  
— vinha raiando a luz da madrugada —  
pousada a mão direita sobre o peito,  
e a esquerda sobre os côpos d'uma espada.

Emquanto a marinagem da esquadriha  
d'uns e d'outros navios — se apressava  
a concertar o rombo d'uma quilha,  
ou a polir um mastro, que faltava,

a consultar das aguas a fundura,  
a reparar as vélas descosidas,  
a ver se aquella estava bem segura  
e se esta tinha as pontas bem cahidas;

cansado de trabalho e de fadiga,  
o chefe adormecera, e via em sonho:  
no rosto dos seus nautas — gente amiga! —  
o ar mais prasenteiro e mais risonho.

Todos — sonhava elle — o festejavam,  
por entrar os portaes d'um paraíso  
e de folhas e de mirtho o coroavam,  
e d'alma a fé lh'a davam n'um sorriso.

E elle subia... subia  
ás espheras do prazer!  
E elle ouvia extasiado  
do seu nome um longo brado,  
por todo o mundo a correr!

E mão occulta lhe abria  
as portas, de par em par,  
d'um emporio deslumbrante,  
cuja vista era bastante  
para a mente desvaivar.

«És grande, Cabral! exulta!»  
uma voz, como de Deus,  
lhe fallava bem de perto;  
e da amplidão do deserto  
como que subia aos ceus.

E cahia de joelhos,  
e resava uma oração,  
e pasmava ante o prodigio,  
que lhe dava tal fastigio,  
na historia d'uma nação.

Via a seu lado, curvada  
selvagem, barbara grey;  
varias leis, diversas gentes,  
aves, tigres e serpentes;  
e de tudo elle era o rei.

Maravilha nunca vista!  
fructos de doce sabor,  
mattas, valendo um thesouro,  
a terra minada de ouro,  
o sol de ardente calor!

vegetação espontanea,  
a primavera sem fim,  
verdes, gigantes palmares,  
as arvores seculares:  
por toda a parte um jardim!

Cabral, a sonhar, não podendo na mente  
conter por mais tempo tão lindas visões,  
ergueu-se de subito, a ver se devia  
a tantas bellezas chamar illusões.

«Estou acordado? estarei: e quem sabe?»  
— ficara um instante comiso a dizer —  
mas eis que uma voz se levanta, e n'um grito  
aos nautas dá novas d'immenso prazer!

«Meu chefe! adiante de nós temos terra!  
«e terra — bem vi — pela prôa!» a gritar,  
suspenso do mastro se via o gageiro,  
a vista alongando nos plainos do mar.

Ingente celeuma se fôrma entre os nautas:  
uns correm aos outros, apertam-se a mão,  
abraçam-se, exultam! avulta nas almas  
o goso, o alvorço de forte expansão.

«Terra! terra pela prôa!»  
todos dizem, a uma voz,  
marinheiros e soldados,  
de pé, junto aos portallós.

Cabral, como louco, avança...  
cuidando ainda sonhar!  
vae aos mastros... sóbe á gávea:  
nada pôde acreditar.

Mas que viu? serras gigantes,  
lá... das nuvens a sahir,  
mattas virgens e florestas,  
areia solta, a luzir...

arvoredos seculares,  
e copados palmeirae!!

.....  
Para a verdade do sonho,  
que mais faltava? que mais?

Horas depois, a frota aventureira,  
— tomada d'esse ponto a direcção —  
arvorava no sólo uma bandeira,  
junto ao signal distincto do christão.

Ante essa terra estranha e nunca vista  
a marinagem toda se prostrou!  
«Vale a gloria immortal d'uma conquista  
«este bello paiz!» — ella bradou.

De joelhos, uniu n'um fervor santo  
o nome de seu chefe á oração...  
Sim! e elle? estava absorto, mas no entanto  
sentia vir-lhe o goso ao coração.

«Hosanna, meu Deus!» — disse emfim risonho —  
«bemdita sejas, ó sempiterna luz!  
«e tu, ó linda terra do meu sonho,  
«salve! tres vezes salve! SANTA CRUZ!

(Das Horas Perdidas.)

SANCHES DE FRIAS.

## QUADROS DE HISTORIA NACIONAL

O CONDE D. SISNANDO

Aqui têm pois, meus jovens leitores, o que se passava entre os Pyreneus e o mar, no século VIII e nos seculos que se lhe seguiram:

Governavam os Arabes em quasi toda a Peninsula, e tão grande já estava sendo este imperio, que se não pôde conservar sujeito ao distante califado de Damasco, e fez-se independente, estabelecendo-se em Cordova a capital dos novos califas. Os christãos, que se deixaram estar nas terras pelos Arabes conquistadas, viviam socegados conservando a sua religião, e até em parte as suas leis, e sendo conhecidos pelo nome de *mosarabes*; mas sempre era um viver sujeito ao jugo estrangeiro, cousa que desgraça muito a espiritos altivos. N'um canto das Asturias, ao norte da Peninsula, por traz de uns fragedos inacessiveis, abrigava-se Pelayo com os Godos que o tinham acompanhado. Tentaram submettel-o os Arabes, foram repellidos. Não insistiram. Valia a pena por acaso? Era uma nodoa insignificante no rico manto dos califas, mas a nodoa foi alastrando, alastrando. De Gijon, passou para Oviedo, de Oviedo para Leão. Cá pelo lado occidental terminava no Minho, passou ao Douro, passou ao Mondego. Como uma nuvem que passa sobre a lua, cuja sombra na terra se vae alastrando a pouco e pouco sobre o chão que o luar branqueia, assim a nuvem negra dos cavalleiros christãos ia cada vez mais escurecendo o chão peninsular, ao principio illuminado em cheio pela meia lua musulmana.

Ora os mosarabes, sempre que os seus irmãos de crenças se iam assenhoreando das terras em que elles viviam, iam adherindo com jubilo ao seu dominio, e, apesar de serem muito bem tratados pelos Arabes, preferiam quasi sempre ás vantagens que lhes podia offerecer a côrte musulmana, ainda por então mais policiada e luxuosa, a vida mais rude das côrtes dos reis christãos, que eram, por assim dizer, simples acampamentos.

Os reis de Leão, a pouco e pouco, tinham-se assenhoreado da Galliza, depois passaram o Minho, e foram levando as suas conquistas até ao Douro. Ao sul do Douro estavam ainda os musulmanos dominantes. O que fizeram os reis?

D'essa região que ficava entre o Minho e o Douro, quartel por assim dizer da sua guarda avançada, constituiram um condado que se chamou *portugalense*, porque era a terra extrema *Portus Cale*, o *Porto* de agora. Depois avançaram ainda, e levaram as conquistas até ao Mondego. Novo condado se formou, o condado de Coimbra, porque em Coimbra, conquistada por Fernando Magno, estacára a invasão. Quem foi o primeiro conde de Coimbra? Sisnando, um dos *taes* mosarabes de que temos fallado, um rico habitante da Beira, que vivia tranquillo debaixo do dominio arabe, que tanto se deixara captivar do bom tratamento dos dominadores, que até alguns dizem que se fizera Mouro. Mas, apenas soube que a conquista christã lhe andava pelas visinhanças, começou a sentir despertar no peito o antigo sentimento, e, á primeira desavença que teve com o emir de Sevilha, fugiu e foi apresentar-se a Fernando o Magno, que a ninguem julgou mais apto para lhe confiar o governo do seu novo condado. Effectivamente, de tal modo se portou, que nunca mais Coimbra voltou ao poder dos Musulmanos. O condado portugalense governava-o Nuno Menendes, e este podia até entregar-se á vontade a luctas civis, porque lá estava o seu collega de Coimbra para o salvar-guardar das invasões dos Arabes. Nos montes verdejantes da formosa cidade do Mondego, pendurara Sisnando a chave da Hespanha occidental christã, e tão alto que nunca mais lhe pôde chegar a ponta da lança mahometana. Ao mesmo tempo que Nuno Menendes, revoltando-se contra os soberanos leonezes, começava a separar do resto da Hespanha christã o seu condado portugalense e a fazer do Minho uma fronteira, que já se ia tornando definitiva, Sisnando fazia do Mondego outra fronteira que tinha de avançar, mas que nunca mais recuaría. E assim, entre a espada bulhenta de Nuno Menendes ao norte e a espada sempre vigilante do conde D. Sisnando ao sul, se ia constituindo, nos condados portugalense e conimbricense, a nascente nacionalidade portugueza.

PINHEIRO CHAGAS.



## DIALOGOS INSTRUCTIVOS

## O TRIGO

Por uma tarde do mez de agosto, o menino Julião andava passeando pelo campo com o seu papá.

O pequenito divertia-se correndo atraz das borboletas, que voavam de flôr em flôr, e procurando nos vallados os insectos que lá zum-

— D'aquellas hervas amarelladas, como tu dizes, é que sahe o trigo, e o instrumento que serve para as cortar chama-se foice. Vamos lá ao pé dos ceifeiros, para vêres melhor.

— As hervas — observou o Julião — têm não sei qué nas pontas, assim a modos um pennacho.



— O papá — perguntou elle — que hervas amarelladas são aquellas...

biam. Andando e brincando, chegou perto d'um rancho de camonezes, que estavam curvados para a terra.

— O papá — perguntou elle — que hervas amarelladas são aquellas que os homens andam a cortar com umas facas muito tortas?

— Isto não se chama pennacho, meu menino — explicou o mais edoso dos ceifeiros — chama-se espiga. A espiga tem dentro o grão precioso de que se faz o pão, que é o nosso principal alimento. O centeio e a cevada também se criam em espigas, mas o trigo vale muito mais.



— Não, meu menino; o lavrador semeia o trigo...

— E nasce para ahí como as hervas? — perguntou o pequenito.

— Não, meu menino; o lavrador semeia o trigo no inverno e colhe-o no verão. É este o unico trabalho do homem; o resto pertence a Deus Nosso Senhor, que faz germinar, florecer e fructificar todas as plantas, assim como faz viver todos os animais. Depois de ser lançado á terra, que o cobre, o grão de trigo cria raizes, cresce e fura a mesma terra, apparecendo na forma de herva pequenina; essa herva vae crescendo, crescendo, até que na ponta se fórma a espiga, cheia de grãos eguaes áquelle que fôra semeado, com a differença que d'um grão que se lançara na terra, nasceram trinta ou quarenta.

espigas de trigo, que saltava para um e outro lado.

D'alli a nada, um dos homens deitou n'um crivo uma porção de trigo, e começou a agital-o, para o limpar da poeira. Depois, deitou n'um monte o trigo limpo, e foi buscar outra porção.

— Estes trabalhos da eira são muito interessantes — explicou o pae — e amanhã hei de fazer-te assistir ao serviço dos bois.

— Diga-me como é isso, meu papá.

— Depois do trigo ceifado, como viste ainda agora, estende-se para secar completamente; em seguida ata-se em molhos, e com estes formam-se medas. Depois é que se procede á debulha. Levam-se para a eira uns tantos molhos, desatam-se, estendem-se, e assim se forma o que



— Pois aquelle ruído provém de estarem a malhar o trigo...

— Agora já sei como se semeia o trigo e como se faz a colheita — disse Julião ao seu papá, continuando a passear — mas o que não sei é como do trigo se pode fazer pão.

— Já vae saber. Escuta: não ouves um ruído surdo e cadenciado allí do lado d'aquella fazenda?

— Oíço; parece o galope d'um cavallo.

— Pois aquelle ruído provém de estarem a malhar o trigo, isto é, a fazel-o sahir da espiga. Nas grandes herdades, que têm colheitas enormes, aquella operação faz-se por meio de machinas; mas nas fazendas pequenas servem-se primeiro dos bois, que vão debulhando as espigas com os pés, e depois do braço do homem, auxiliado por um pedaço de pau, ligado por uma correa a outro mais comprido. A este instrumento chama-se mangoal. Vae vê-lo funcionar.

Chegando proximo da eira, o nosso Julião viu os trabalhadores batendo com os mangoaes nas

os lavradores chamam *calçadouro*. É então que principia o trabalho dos boisinhos. Os pacientes animais allí andam horas á roda a pisar as espigas, para fazerem sahir os grãos de trigo. Depois, os trabalhadores levantam com forcados o trigo, que está ainda misturado com a palha, e esta, impellido pelo vento, vae-se amontoando a distancia.

— Amanhã quero vêr tudo isso; sim?

— Pois sim, mas vamos andando.

— Afinal de contas, — observou o pequenito — não sei ainda como é que do trigo se faz o pão.

— Não te impacientes, que breve o saberás. Olha, vamos seguindo aquelle burro que conduz um sacco de trigo. Naturalmente, presumes para onde se dirige o pobre animal?

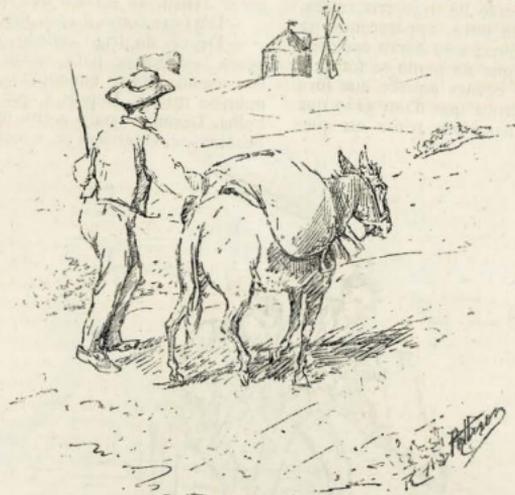
— Francamente, não sei, meu papá.

— Dirige-se para aquelle moinho que está acolá no alto. Vamos até lá.

Minutos depois, o pae e o filho chegavam ao moinho, que estava trabalhando com grande actividade, porque o vento era fresco e enchia-lhe bem as velas.

O moleiro, enfarinhado desde os pés até á cabeça, estava sentado á porta, com aspecto satisfeito. O pae do nosso Julião pediu-lhe para

mós. Esta farinha, em rama, como nós dizemos, fica muito grossa; é necessario peneiral-a. O peneiro, que tem a forma redonda, compõe-se de diversas divisões: a primeira é feita com seda muito fina, de modo que só deixa passar a flôr da farinha; na segunda já a seda é mais grossa, e chama-se *rolão* a farinha que por ella passa;



— Dirige-se para aquella moinho que está acolá no alto.

mostrar o moinho ao pequenito, ao que o bom do homem logo accedeu.

— Vê estas grandes pedras redondas que giram uma sobre a outra? — perguntou o moleiro ao Juliãozinho — são as mós. Servem para esmagar o trigo, que está entre ellas, reduzindo-o a farinha. A força do vento é que faz mover as

o tecido da seda vae sendo mais largo, e d'esse modo se obtem a *cabecinha*, que é uma farinha muito grosseira, a sêmea fina, e, finalmente, a sêmea grossa, que é a casca do trigo. Percebe o meu menino?

— Percebo. Como se faz a farinha já eu sei; e o pão?

(*Continua.*)

## MARIA

Chovia e ventava tanto, que até a pobre casita parecia ameaçar cahir desfeita pelo temporal.

A noite estava escura e fria; de quando em quando, as nuvens abriam-se para dar passagem a uma fita de fogo, que a tremer vinha sumir-se na terra. Seguia-se o ribombo do trovão, que era o que produzia maior susto á pobre Maria, creança de 6 annos apenas. Não admira, porque Maria era tímida, bondosa, trabalhadeira a tal ponto, que andava sempre a sacudir o pó, a arrumar, a lavar tudo, e, segundo o que pensava, o trovão era a bulha que os anjos faziam no céu a arrastarem os moveis.

— Mãe, dizia ella, os anjos não são bonitos, pois não?

— Não ha nada mais bonito, minha filha, disse a mãe sentando-a no regaço.

— Não parece! Então andam a fazer a limpeza, e isto a que se chama chuva, é a agua com que lá esfregam, não é?

— Não, minha filha; o céu nunca precisa ser limpo!

— Então que é?

— É a agua com que o Senhor rega as terras aos lavradores!

— Mas se é isso, para que é que os anjinhos lá em cima fazem tanto barulho com os trastes?

— Também não ha trastes no céu!

— Mas...

Foram interrompidas por um forte trovão, que

esturgiu mesmo por cima da casa. A mãe, apertando a cabeça com as mãos, exclamou afflicta :

— Meu Deus, valei-nos!

Maria ficou immovel de medo, enquanto a mãe não a socegou.

Talvez os meus leitoresinhos, mais arrojadados, digam que Maria era muito medrosa; mas, se se vissem sósinhos n'uma pequenina casa, como a que habitava aquella creança, teriam tambem medo, talvez mais ainda do que ella.

— Parecia que o céu desabava, minha mãe! disse afinal a pequenita.

— Nunca pôde desabar, filha, observou a afflicta mãe.

— Então o que é a trovoadá?

— Um castigo de Deus, que faz levantar o mar onde o pae anda e que muitas vezes faz n'elle afogar muita gente.

— Ah! exclamou a pequenita cheia de espanto.

Um novo trovão ribombou.

— Então porque é que Deus nos castiga tanto? perguntou ella.

— Por causa dos nossos peccados!

— E que havemos de fazer para lhe pedir que nos não castigue mais?

— Resar com devoção.

— Então vamos resar pelo pae e pedir a Nosso Senhor para que cesse esse castigo.

A mãe, commovida por aquella bondade da filha, beijou-a muito e disse:

— Pois sim, vamos.

Levantaram-se e foram para um quarto ao lado, onde havia um oratorio.

Ahi, depois de accenderem uma vella de cera á Virgem, ajoelharam-se, e Maria, pondo as mãos, levantadas ao céu, disse para a mãe:

— Pedimos primeiro a Nossa Senhora pelo pae, sim?

A pobre mãe só pôde murmurar — sim — porque o pranto embargava-lhe a voz.

Maria, ao vêr a mãe a chorar, rompeu tambem n'um choro prolongado e afflicto. Por fim, mais socegada, tornou a ajoelhar-se, mas, vendo ainda a mãe ansiosa e a soluçar, começou assim a sua prece:

— «Nossa Senhora, minha rica Nossa Senhora, fazei o que eu vos vou pedir! Dae ao pae saude e felicidade na viagem. Fazei com que a mãe não chore, não se afflija, e pedi a Nosso Senhor que nos não castigue tanto, que perdoe os meus peccados, os da mãe, do pae e de todos em geral! Fazei tudo que vos eu peço, porque eu sou muito vossa amiguinha!»

A mãe, que estava a pouca distancia, não pôde conter-se: abraçou a filha, que chorava aos pés da Virgem, e beijou-a freneticamente.

Os relampagos que, atravez dos vidros, vinham allumiá este quadro, foram pouco a pouco desaparecendo e os trovões ouviam-se agora lá muito ao longe.

A Mãe do Senhor ouvira a prece da pequenita! Passado pouco tempo tiveram noticias do pae, que lhes dizia ter tido uma viagem felicissima. Bondosa Maria! Era um anjo!

A. MEIRELLES DE LEMOS.

## VERSOS AO JULIO

### QUEM O ALHEIO VESTE NA PRAÇA O DESPE

Conclusão)

Do tal caso da raposa  
Ouvindo esta allegoria,  
Por pouco a lesma raivosa  
Não tem uma apoplexia!

Sem rebuço, sem refolhos,  
Estas palavras sarava,  
Deitando fogo p'los olhos,  
Tremendo toda de raiva:

— Deixa estar, vil bicharoco,  
Por quem de nojo me atucho,  
Que te hei de obrigar em pouco  
A voltar co'a falla ao bucho...

— Que te appareça não tarda  
Trazendo um palacio bello,  
Que á tua reles mansarda  
Ha de metter n'um chinello...

D'est'arte havendo fallado,  
Logo raivosa se sesma,  
N'um andamento apressado,  
Improprio até d'uma lesma!

Chegando ao pé d'um riacho,  
Subito, a lesma quedou-se,  
Pesquizando de olhar baixo  
Em cata do quer que fosse...

Em breve se lhe depara  
Uma casca, velha já,  
Que um buzio em tempo habitara  
E hoje estava *ao Deus dará*...

Ao vel-a, a lesma, sorrindo  
De prazer, exclama: — Achei!  
E que palacio tão lindo!  
Parece o paço d'um rei...

E logo, entrando na casca,  
De vistoso catasol,  
De vaidade se embarbasca  
E vae ter co'o caracol.

E diz-lhe em tom de chacota:  
— Quando has de tu, parasita,  
Trazer uma fatiota  
Tão brihante e tão catita?...

N'isto, apparece um rapaz  
E á lesma deitando o *luço*  
Esperto, vivo, sagaz,  
Descobre a casca do buzio.

Então, saltando contente  
Na mais alegre frescata,  
Brada: — Que buzio excellente  
P'ra pôr na minha cascata!

E o traquinas diabrete  
Toma o buzio sem demora,  
E a picadas de alfinete  
Tira a lesma cá p'ra fóra.

E o caracol n'um codeço  
Dizia em tom galhofeiro:  
— Palacios por esse preço...  
Antes do meu pardieiro...

D. MARIA DO Ó.

## ALEGRIAS

- Ó Chico, mette-me um susto.  
 — Para quê?  
 — Para vêr se me passam estes malditos so-  
 luços.  
 — Ora, historias! Podes tu emprestar-me cinco  
 libras para um apuro?  
 — Cinco libras!... Homem, já lá vão os so-  
 luços!

Conversa entre dois larapios:

- Tens uma corrente muito catita.  
 — E o relógio, que tal te parece?  
 — Magnífico. Quanto te custou?  
 — Não sei, porque o vendedor estava a dor-  
 mir.

- Ó José, que é da carta que eu deixei em  
 cima da secretária?  
 — Fui deital-a na caixa do correio.  
 — Ó grande alarve, pois não viste que não es-  
 tava ainda sobrescriptada?  
 — Vi, sim senhor, mas cuidei que o patrão  
 não queria que eu soubesse para quem ella era!

Uma senhora supersticiosa foi consultar uma  
 mulher de virtude.

— Se quereis saber todo o vosso futuro —  
 disse-lhe a especuladora — tendes de dar-me tres  
 mil réis.

— Pois tome-os lá. Agora, para que eu a  
 possa acreditar, diga-me alguma coisa do meu  
 passado.

— É facil — acudiu logo a descarada. — Fos-  
 tes infeliz com o casamento.

- Ainda sou solteira.  
 — Tivestes desgostos de familia.  
 — Engana-se; vivemos sempre na melhor har-  
 monia.

A bruxa continuou sem se perturbar:

- N'uma grande viagem que fizestes...  
 — Nunca passei de Cintra.  
 — Dae-me a vossa mão. N'ella verei melhor.  
 Já sei: perdestes recentemente uma porção de  
 dinheiro...  
 — Até que acertou: perdi os tres mil réis que  
 lhe dei. Não caio n'outra!

Deitaram por uma escada abaixo, aos pontá-  
 pés, um insolente e atrevido; o homem, ao che-  
 gar ao portal, levantou-se e disse:

— Olhem a grande piraça! eu sempre tinha  
 de a descer!

Um sujeito muito maldizente, estando a jan-  
 tar com alguns amigos, exclamou de repente:

- Então não morði a lingua!  
 — Não é possível — acudiu logo um dos com-  
 mensaes.  
 — Porque?  
 — Porque estarias já envenenado!

## HORAS ENTRETIDAS

## 14 — CHARADA EM QUADRO

Na mythol'gia verás  
 Esta terra portugueza,  
 Serve hem para esconder  
 Este verbo com certeza.

Vizeu

Béné.

## 15 — CHARADA

Deu no goto a muito gente  
 A pergunta innocente  
 Que offereci a Travesso;  
 Por isso vejo que o mundo  
 É immenso e não tem fundo }  
 O que eu bem desconheço. } 1

Mas inda houve menino,  
 De corpinho bem franzino  
 E de rosto bem oval,  
 Que descobriu tal segredo,  
 Apontando-me a dedo  
 Como sendo um animal.

Vizeu

O PEQUENO ANTONINHO.

## 16 — CHARADA NOVISSIMA

Reparei que serve ao lavrador este appellido — 1 — 2  
 Monchique CUNHA & C.<sup>a</sup>

## 17 — CHARADA NOVISSIMA

Este astro tem seis faces no exercito — 1 — 2

Lisboa

HERMINIA.

## 18 — CHARADA NOVISSIMA

A terra com esta nota é animal — 2 — 1

Vizeu

Béné.

## 19 — CHARADA NOVISSIMA

Uma preposição no rio ou na cosinha, deve inchar — 1 — 1 — 1

Lisboa

PASSARINHO.

## 20 — CHARADA NOVISSIMA

É grandé, esmaga e péga — 1 — 2

Lisboa

BEIJA-FLOR.

## 21 — PERGUNTA INNOCENTE

(AO PEQUENO ANTONINHO)

Ó meu pequeno Antoninho,  
 Já que tão poeta és,  
 Diga-me: qual é a coisa  
 Que tem a bocca no pé?

Monchique

CUNHA & C.<sup>a</sup>

## 22 — PALAVRAS QUADRADAS

Uma villa portugueza  
 E um verbo irregular  
 Fallando, lendo, ou pensando  
 Tem no paço o seu logar.

Lisboa

FANTOCHE.

## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

1, Açorda. — 2, Gregorio. — 3, Salsa. — 4, Justino. — 5, Regalo. —  
 6, Carapinha. — 7, Metacarpo. — 8, Marianna. — 9, Cré com cré, lé com  
 lé. — 10, Faz sombra.

11,

AMOR >  
 CURE >  
 RAGANÇ >  
 IO MAIO >  
 LVERC >  
 OURIÇA >

12, 119. — 13,

EGAS  
 GAMA  
 AMOR  
 SARA